

..... ENTREVISTA

Conversações latino-americanas com Débora Maria da Silva (Movimento Independente Mães de Maio, Brasil)

Andrea Bonvillani (Córdoba, Argentina)¹

Caroline Matias de Souza (São Paulo, Brasil)²

Débora Maria da Silva (São Paulo, Brasil)³

Liliana Galindo Ramírez (Bogotá, Colômbia)⁴

Maria Alice Pellegrini Vergueiro (São Paulo, Brasil)⁵

Patricia Botero-Gómez (Manizales, Colômbia)⁶

¹Andrea Bonvillani: dr^a. en Psicología por la Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), profesora en la Facultad de Psicología de la misma Universidad. Investigadora Adjunta CONICET. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-0911-076X>> . E-mail: abonvillani@gmail.com

²Caroline Matias: estudante de pós-graduação nos programas de Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na especialização em História e Cultura da África: Cultura e Relações Internacionais. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-4301-7211>>. E-mail: cmatiasdsouza@gmail.com e donacarollinee@gmail.com

³Débora Maria da Silva: fundadora e liderança do Movimento Independente Mães de Maio. É articuladora em defesa dos direitos humanos contra a violência de Estado no Brasil e pesquisadora do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

⁴Liliana Galindo: socióloga y magíster en sociología de la Universidad Nacional de Colombia, Doctora en Ciencias Políticas de la Universidad de Grenoble (Francia). Posdoctorado MinCiencias como Directora del Laboratorio de Juventud y Cultura de Paz, investigadora del Observatorio de Juventud de la Universidad Nacional de Colombia. Cofundadora de Ciudadanías por la Paz de Colombia. E-mail: mlgalindor@unal.edu.co

⁵Alice Vergueiro: graduada em Fotografia pelo Centro Universitário SENAC-SP, fotoperiódista, ativista das imagens e, atualmente, graduanda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-2904-6451>>. E-mail: alicevergueiro@gmail.com

⁶Patricia Botero: profesora e investigadora del Centro de Estudios Independientes Color Tierra, en vinculación con el Tejido de Colectivos Universidad de la Tierra Caldas y Suroccidente Colombiano, Tejinando Sentipensares (pluriversidades de a pie), Campaña Hacia Otro Pazífico Posible, Tejido de Transicionantes. Investigadora de los Grupos de Trabajo (GT) Clasco: Prácticas emancipatorias y metodologías descolonizadoras transformadoras. GT: Cuerpos, territorios y resistencias, Cuter. GT: Infancias y juventudes (participación como cofundadora). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-9552-7523>>. E-mail: jantosib@gmail.com

Essa não é exatamente uma entrevista, mas, sim, uma conversação, um encontro entre mulheres latino-americanas. A protagonista desse encontro foi Débora Maria da Silva, fundadora do Movimento Independente Mães de Maio⁸, ativista vigorosa e mãe de Edson Rogerio Silva dos Santos, assassinado aos 29 anos no massacre dos Crimes de Maio de 2006 (São Paulo, Brasil). Débora Maria da Silva é liderança dos movimentos de mães e familiares de vítimas da violência do Estado; pesquisadora do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense da Universidade Federal de São Paulo (CAAF/UNIFESP) e coautora e coorganizadora dos livros *Do luto à luta* (2011), *Vencendo as adversidades: autobiografia de Deize Carvalho* (2018) e *Mães de Maio, Memorial dos nossos filhos vivos: as vítimas invisíveis da democracia* (2019); é coautora do vídeo *Apelo* que integrou a 31ª Bienal de Arte de São Paulo (2014) e em 2022 Débora conquistou o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante no Festival de Cinema de Málaga (Espanha) por sua atuação no filme *A mãe*, dirigido por Cristiano Burlan.

Essa entrevista-conversação foi articulada e organizada, do início ao fim do processo, por Alice Vergueiro, fotógrafa e fotojornalista que atua, também, registrando mobilizações e movimentos sociais. A partir dessa fundamental mediação, numa tarde no início de março de 2022, Débora colocou “em off” seus dinâmicos canais de comunicação *online* para dialogar, tranquilamente, com as “entrevistadoras”. As participantes da Colômbia e da Argentina apresentaram, resumidamente, panoramas acerca da violência de Estado que incide sobre as juventudes em seus territórios, assim como os movimentos e formas de resistência. Débora Maria da Silva, a “entrevistada” e protagonista da conversação, passou a ser, ainda, coautora deste trabalho, o que não poderia ser diferente: o conhecimento é tecido em conjunto, é sempre

⁷Rita Alves O.: é trabalhadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), antropóloga, pertence ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Foi editora científica da *Revista Ponto-e-Vírgula* entre 2019 e agosto de 2021. Faz parte do GT Juventudes y Infancias da CLACSO. Coordena a investigação “Genocídio juvenil e os movimentos de resistência: as mães do luto à luta”. Tem desenvolvido pesquisas acadêmicas e outras atividades (seminários, rodas de conversa etc.) junto aos movimentos de mães e familiares de vítimas da violência de Estado. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-9080-6440>>. E-mail: ritaalves@pucsp.br e ritacaoalves@gmail.com

⁸*Funpage* do Movimento Independente Mães de Maio no Facebook: <<https://www.facebook.com/maes.demaio>>

um processo coletivo de múltiplos saberes e experiências. Débora abordou, em sua fala, a violência e terrorismo de Estado notadamente sobre corpos negros e empobrecidos, emergência dos enfrentamentos aos Crimes de Maio de 2006, a construção da rede brasileira de grupos de mães e familiares de vítimas da violência do Estado, a crítica contundente e recorrente ao campo acadêmico; a articulação internacional envolvendo movimentos sociais e instituições da Argentina, México, Colômbia, Brasil e EUA, mobilizando uma Rede Global de Mães e Familiares e, ainda, a perspectiva e empenho dessa rede internacional na construção de uma *Universidad de las Madres*.

Finalizando a conversação *online*, que durou quase duas horas, Débora gentilmente disse que sentia “um gostinho de quero mais”. Que assim seja: que esse seja apenas o primeiro de outros encontros que acentuem os compromissos firmados e que propiciem a construção de projetos comuns, transnacionais e alinhados ao conteúdo apresentado abaixo, fruto desse diálogo que teve início com um “giro” de apresentações⁹.

Patricia Botero: *Querida Debora es para nosotras un honor muy grande tenerte aquí, como dijimos anteriormente, nos has convocado a esta reunión, habíamos tenido mucha dificultad para encontrarnos y mira que es un motivo estar alrededor de la palabra de lo que significan las madres en defensa de la vida. No solamente hablas tú como Madre de Mayo en Brasil; sino, también, desde ellas, y con nosotras, acompañamos luchas de mujeres en defensa de la vida, de los territorios ancestrales que perviven en poblados rurales y en las ciudades, y; sobre todo, en la memoria de sus hijos para sanar de la impunidad.*

Yo vengo de Colombia y desde nuestros territorios hay unas historias dolorosas de mujeres racializadas, de niñas y de jóvenes que han sido asesinados a partir de prácticas naturalizadas que vemos detrás de cada desplazamiento forzado. Reafirmamos en diferentes procesos de investigación desde las acciones colectivas: detrás de cada masacre hay un negocio, la militarización y la liquidación de la vida en todas sus expresiones. La muerte de jóvenes Afro e Indígenas en territorios del Cauca evidencia el cinismo de una guerra

⁹ E agradecemos imensamente à parceira Ana Maria Matos Viegas pelo apoio fundamental no trabalho de edição deste texto.

racializada que coincide con las guerras contra la tierra y la aniquilación de la vida de las generaciones humanas y más que humanas.

Los juvenicidios y los feminicidios son una constante en territorios e indican una estrategia patética y recolonizante de quebrantar el continuum de la vida entre mujeres cuidadoras, madres y sus hijxs. El tiempo que estamos viviendo en territorios de Latinoamérica, hace parte de la crisis global, y una de esas características de crisis global es precisamente, la aniquilación de la vida de todas las generaciones.

Básicamente, en el dossier que estamos escribiendo conjuntamente, resuenan las voces de compañeras que están defendiendo y honrando el nombre de jóvenes desaparecidos en Ayodzinapa-México, desde Colombia, narramos la mutilación y la muerte de jóvenes en las últimas movilizaciones del 2021, la desaparición forzada en barrios populares, que luchan para generar alternativas al Estado, éstas, no meramente son luchas frente a un Estado alternativo, sino unas alternativas al Estado porque vemos que es una violencia cómplice, propiciada por esa mirada militarizante de la seguridad, un tipo de seguridad que aniquila la existencia para mantener privilegios a costa de la vida.

Liliana Galindo: *Mi nombre es Liliana Galindo Ramírez, soy docente e investigadora universitaria. He seguido de cerca procesos relacionados con los jóvenes, estoy vinculada al campo de los estudios de juventud y he venido trabajando en la apertura de espacios de escucha y diálogo con jóvenes de sectores populares.*

Me siento muy contenta, muy honrada. Quiero agradecerle a Débora por permitirnos encontrarnos en este espacio, con mucha admiración por su labor buscamos generar esta conversación.

Me encuentro en Bogotá y aquí ha habido múltiples situaciones de violencias contra población joven. En cuanto a los contextos de protesta social, estamos a casi un mes del aniversario de lo que se conoció como el estallido social, que empezó como un paro nacional el 28 de abril de 2021, el cual correspondió a la más grande movilización de la historia del país y tuvo un gigantesco protagonismo juvenil. Las y los jóvenes, como actor central, salieron a manifestar su inconformidad y su indignación por el manejo de gobierno nacional de turno

de Iván Duque y de la fuerza que lo sostiene que es el uribismo (fuerza encabezada por el expresidente Álvaro Uribe Vélez). Como nunca antes salió a las calles una gigantesca ola de indignación y también se expresó como nunca, la indignación por redes digitales, de manera intensiva, en una dinámica prolongada durante varios meses: múltiples manifestaciones, con producción de videos, transmisiones en vivo, que evidenciaron el tamaño de la indignación y de las manifestaciones y también el tamaño de la respuesta represiva por parte del Estado. Represión que se tradujo en todo tipo de abusos y violaciones a los derechos humanos, traumas oculares, abusos sexuales, desaparición de jóvenes que estaban en las manifestaciones, jóvenes asesinados, centros transitorios cuyo manejo fue objeto de múltiples denuncias de torturas¹⁰. Se configuró una situación de abusos con todo tipo de vulneraciones dirigidas, no exclusivamente, pero sí especialmente a jóvenes. Muchos hostigamientos a jóvenes que tomaron una gran visibilidad y se conocieron como jóvenes de primeras líneas ubicados al frente de la movilización para contener los abusos de parte de la fuerza pública para la manifestación y a las y los manifestantes como parte de la defensa del derecho a protestar. Hubo múltiples intentos por construir narrativas orientados a hacerlos ver como grupos terroristas, en algunos medios oficialistas eran referidos como “grupos urbanos emergentes” como manera de descalificar, estigmatizar, criminalizar la acción de muchos y muchas jóvenes. Hubo también grupos de “Madres de primeras líneas”, se presentaron diversos casos: madres que se juntaron y se identificaron de esta manera para sumarse a ese propósito de ponerse al frente en la defensa de los manifestantes y del derecho a expresarse.

¹⁰Según organizaciones de la sociedad civil que documentaron la ocurrencia de múltiples vulneraciones como lo es la Campaña Defender la Libertad en uno de sus informes sobre la ocurrencia de violaciones de derechos humanos en varios contextos recientes de protesta en Colombia señala que : “Durante la labor de monitoreo y protección como Comisiones de Verificación e Intervención (CVI) de la sociedad civil pudimos conocer y evidenciar cómo **el Estado colombiano pretende a través de la tortura**, anular la personalidad de las personas, **despreciando la dignidad intrínseca de todo ser humano y desestimulando el ejercicio de la protesta: Muestra de ello son las 133 muertes arbitrarias** producto del uso arbitrario de la fuerza (muchas de las víctimas fueron sometidas a tortura por uso excesivo de la fuerza que ocasionaron su muerte); **80 casos de tortura** durante detenciones administrativas y/o con fines de judicialización; y **2.607 heridos** producto del uso excesivo y arbitrario de la fuerza, **107 de ellos con trauma ocular**; para un total de **2.820** posibles **víctimas de tortura y TCID** [tratos crueles, inhumanos o degradantes] durante 215 días de movilización, es decir **13 víctimas de tortura por cada día de protestas.**” (la negrilla corresponde al texto original). (Campaña defender la Libertad, 2022). Disponible em: <<https://defenderlalibertad.com/torturar-y-castigar-a-quien-protesta-el-informe-que-revela-las-dinamicas-de-tortura-infligidas-a-manifestantes/>>.

Andrea Bonvillani: *Reiterar el agradecimiento a las compañeras de Brasil y especialmente a Débora por compartir este momento. Me llamo Andrea y soy de una provincia de la Argentina que se llama Córdoba y soy investigadora, básicamente de la vida de lo/as jóvenes de esa región, particularmente de las penurias y los dolores que viven cotidianamente a partir de la violencia policial. Llego a ese tema a través de sus luchas para que no los sigan matando, en particular la Marcha de la gorra, que hacen jóvenes de los barrios, universitario/as y militantes desde hace 15 años se movilizan por las calles de la ciudad para pedir que los dejen de perseguir, torturar y matar¹¹. Se llama así porque la gorra es un elemento de identificación de lo/as jóvenes con su cultura y su pertenencia y a su vez esa gorra es un estigma por el cual la policía lo/as persigue y detiene. Entonces, la investigación que trabajamos incluye el llamado “gatillo fácil”¹², es decir, cuando la policía mata a los jóvenes y luego hace pasar como que la culpa fue de la víctima, encubriendo que se trata de un asesinato, pero también esas formas de vivir/morir con la amenaza permanente de estar viviendo perseguido, limitando sus derechos para vivir una vida feliz, para estudiar, trabajar, juntarse con amigos y amigas en la plaza del barrio, en fin, desarrollar sus proyectos de vida. La Argentina tiene lamentablemente una larga historia de procesos políticos de persecución, tortura y muerte de jóvenes causados por el accionar del Estado, que se remontan a la dictadura en la década de 1970, jóvenes que en aquella época luchaban por un mundo más justo. Esta historia oscura también es una historia de lucha, como la de las Madres de Plaza de mayo y las madres de los hijos muertos por la bala policial, una historia de siembra, mirando hacia el futuro. Lamentablemente, en estos últimos años la persecución de jóvenes se ha recrudecido por la crisis sanitaria del Covid-19, ya que los/as jóvenes pobres necesitan salir a trabajar, aunque sea en esos trabajos precarios, que son en la calle, con los que se ganan la vida día a día. En estos años ha habido una persecución creciente de estos grupos, a manos de las fuerzas de seguridad amparadas en el cumplimiento de las medidas sanitarias de aislamiento, que le han dado más poder de reprimir. Por eso esta oportunidad de hablar con Débora es tan importante. Celebro el*

¹¹ Disponible em: <https://twitter.com/mdlg_cba>.

¹² Disponible em: <<http://www.correpi.org/nuestros-barrios/gatillo-facil/>>.

encuentro entre amigas latinoamericanas que nos permite abrazarnos en el dolor y la esperanza.

Rita Alves: Sou Rita Alves, trabalhadora da PUC-SP, professora e pesquisadora. Nos últimos anos tenho voltado minhas investigações para as juventudes; inicialmente com foco nas articulações entre práticas culturais e práticas políticas como formas de resistência, mas, a partir daí, fui tomada pelas questões das violências que vitimizam nossas juventudes. Em fevereiro de 2015, recebi mensagem *online* de um estudante que dizia que haveria um ato de lançamento da Comissão da Verdade da Democracia na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) e que eu certamente deveria participar. E, ali, ouvindo você, Débora, e as outras mães, fui capturada por essa tragédia do genocídio juvenil protagonizado em boa tarde pelas forças de segurança do Estado e que incide sobre os jovens negros das periferias. A partir daquela tarde meu trabalho está articulado aos movimentos de mães e familiares de vítimas da violência do Estado: escutar, aprender, tentar fazer pontes e abrir a academia a outras vozes, outros pontos de vista, outras visões de mundo e conceitos (academia que você sabe muito bem o que é, nós aqui também somos muito críticas à academia).

Caroline Matias: Oi, gente! Eu sou a Caroline, estudei Relações Internacionais na PUC e fui aluna da prof^{ra}. Rita em 2018, mesmo ano em que passei a pesquisar sobre o tema do genocídio juvenil. Mas, desde antes, já tinha ciência dessas questões e das lutas das mães. Eu sou de São Paulo, cresci to da região do Grajaú, onde muitos conhecem as Mães de Maio e outros movimentos dessa luta. Mas só passei a entrar, me envolver com a temática, enquanto pesquisadora e, conseqüentemente conhecer melhor as lutas das mães, com a pesquisa que iniciamos em 2018. E, desde então, tenho pesquisado sobre o racismo estrutural, genocídio juvenil e os movimentos de resistência. É um prazer estar aqui com você, Débora. Obrigada pela presença.

Débora Maria da Silva: Olha... mais uma filhinha. É muito gratificante, nem tenho palavras... [sobre Caroline Matias]. Em primeiro lugar quero agradecer à Alice Vergueiro e à Rita por esse

contato. Para quem não me conhece, sou Débora, fundadora do Movimento Mães de Maio. Esse movimento nasce após o assassinato do meu filho [Edson Rogério Silva dos Santos] e de mais de 600 jovens no estado de São Paulo [em maio de 2006], em poucos dias, sem contar os desaparecimentos¹³. O começo dessa matança foi autorizado pelo governo estatal e sepultar esses meninos em valas clandestinas, algumas já conhecidas, como a do cemitério de Perus, vala clandestina dos tempos da ditadura militar¹⁴. Nós sempre falamos que a ditadura militar nunca acabou e que é perversa nas favelas e nas periferias.

Quero dizer que é muito gratificante essas companheiras estarem aqui; vi nas suas falas que são investigadoras e eu também sou investigadora, passei a ser porque tive que pular o muro, e depois derrubamos os muros das universidades dizendo que a gente precisava ser pesquisadora, porque a gente já estava cansada do trabalho acadêmico feito em cima dos corpos e da nossa dor e que não tinham resultados positivos.

Então provocamos a academia, sim. A PUC é uma dessas; nós sempre demos os corpos das mães para apoiar as greves dos professores, as greves dos alunos, também debatemos com o próprio Dom Odilo, sempre fomos para dentro da Comissão de Justiça e Paz onde ele sempre estava. A gente já conhecia o Dom Odilo por termos ido depor na Comissão de Justiça e Paz; sempre batemos de frente com ele por conta de certas coisas que não aceitamos, ainda mais sendo um Cardeal vendo uma família de pessoas que eram humanas e a gente via certas atitudes que não eram humanas. Mas conseguimos avançar em várias questões.

Tivemos também o prazer de receber, pela PUC, as Madres e as Abuelas da Argentina. Foi muito gratificante, elas vieram da Argentina conhecer essas “tão faladas” Mães de Maio do Brasil; elas reconheceram a legitimidade do movimento denominado Mães de Maio porque perdemos nossos filhos na véspera do dia das mães e após o dia das mães [2006], como eu perdi o meu no dia seguinte ao dia das mães. E, quando entregamos a elas as camisetas das Mães de

¹³Crimes de Maio, 2006, São Paulo, Brasil. Disponível em: <<https://nev.prp.usp.br/noticias/selecao-de-artigos-e-reportagens/>> e <[https://www.unifesp.br/reitoria/caaf/images/Relat%C3%B3rio - Crimes de Maio.pdf](https://www.unifesp.br/reitoria/caaf/images/Relat%C3%B3rio_-_Crimes_de_Maio.pdf)> ; livro publicado pelas Mães de Maio. Disponível em: <<https://fundobrasil.org.br/wp-content/uploads/2016/07/livro-maes-de-maio.pdf>>.

¹⁴Memorial da Resistência de São Paulo, Vala comum do Cemitério de Perus descoberta em 1990. Disponível em <<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/cemiterio-dom-bosco-vala-de-perus/>>.

Maio, seguraram como se fossem a continuidade das suas lutas, foi uma conexão impressionante. E ali as orientamos a fazer daquele memorial um espaço de encontro e deu certo, não tem como não praticar a memória. Dia 31 de março¹⁵ é o dia da memória e da verdade que esse país silenciou, a morte dos nossos filhos, desse massacre em um espaço muito curto de tempo, onde nós vimos que nossos filhos foram descartados como se fossem baratas. Enfim, não dá para distinguir o que foi esse *terrorismo do Estado*, como dizem as *Madres*; nas camisetas das Mães estava escrito "violência do Estado", mas elas [Madres e Abuelas] falaram "não, é terrorismo", e ali colocamos *terrorismo* até na própria bandeira oficial do Movimento Mães de Maio.

O Movimento Mães de Maio denuncia esse país de fora para dentro porque precisávamos de uma resposta e, do jeito como as investigações sobre os Crimes de Maio estavam sendo conduzidas, sabíamos que não iria dar em nada, como não deu. Percebemos que, mesmo com nossas próprias investigações, esses crimes não dariam em nada.

Caímos em camas de hospitais quando vimos que nada acontecia. Mas nos levantamos depois da *presença* do meu filho que pediu para eu sair da cama e ir para a luta. Eu pensava que não era meu filho, que estava delirando; não queria mais me deitar depois dele ter me levantado daquela cama após 40 dias da sua morte. Fui tomar banho e, quando passei o sabonete no braço, senti uma dor bem *fininha* e, de repente, lembrei daquela visão. Fui procurar embaixo do braço para ver se tinha alguma marca e encontrei os quatro dedos do meu filho: tinha um na parte de cima e quatro na parte de baixo, em cada braço. E ali lembrei do que ele falou, que não adiantava ficar naquela situação porque ele não voltaria mais e eu tinha que lutar pelos seus irmãos que estavam vivos. Então a luta dos movimentos das mães é pela juventude, porque nossos filhos não voltam mais. E por justiça... com a justiça paliativa que tem nesse país...

A gente vê as companheiras trazendo seus relatos que não são diferentes do que acontece no Brasil e com muita perversidade. Porque a própria sociedade brasileira tenta colocar uma venda nos olhos para legitimar que a ditadura militar acabou. E não podemos aceitar porque as

¹⁵ À guisa de explicação para os leitores: 31 de março é lembrado como o Dia do Golpe militar no Brasil em 1964. Reconhecido como o Dia da Memória e da Verdade.

favelas e as periferias sentem o peso de uma ditadura muito, muito, muito terrorista sobre os corpos, em sua maioria negros e pobres.

Nós, mães, falamos que a reparação da escravatura não aconteceu nesse país e a Lei Áurea e o dia 13 de maio¹⁶ não representam nada para nós¹⁷, que não temos o que comemorar. Como mães, dizemos que o chicote se transformou no *gatilho ligeiro* do Estado; que o navio negreiro é tudo do sistema prisional, porque quando entramos no sistema prisional nos deparamos só com pessoas negras e pobres; a classe média e alta não está no sistema prisional, então ele foi feito para nós.

Quando a gente vê mais de 84 mil desaparecidos no Brasil e não se fala disso, o governo esconde debaixo do tapete o desaparecimento forçado, para não usar esse nome, forçado, para poder legitimar que existe o fim da ditadura militar no Brasil. Quando a gente vê a tortura acontecendo, menino com a ponta do dedo arrancada, unha arrancada ou então sendo torturado para confessar ou então assumir delitos que não cometeram.

Então a gente se depara com isso não só no nosso país e então a gente ocupa as fronteiras. E o primeiro lugar que ocupamos foi o império, o maior império, Washington D. C.; fomos para o Distrito Central dos EUA em 2016, para repartições de direitos humanos do governo norte-americano e conseguimos entrar também no Senado¹⁸. Fomos denunciar que aquele império patrocina o treinamento da polícia mais violenta do Rio de Janeiro, o Bope¹⁹, através da pesquisa feita pela Anistia Internacional do Brasil. E nessa viagem participamos da conferência das Anistias em Miami, e fizemos contato com várias repartições da Anistia no

¹⁶Sobre a Lei Aurea, a Abolição da Escravatura de 13 de maio de 1888 e os movimentos negros brasileiros contemporâneos. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-que-os-negros-nao-comemoram-o-13-de-maio-dia-da-abolicao-da-escravatura/>>.

¹⁷Portal Geledés. “Por que os negros não comemoram o 13 de maio, dia da abolição da escravatura?”. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-que-os-negros-nao-comemoram-o-13-de-maio-dia-da-abolicao-da-escravatura/>>.

¹⁸Sobre a petição apresentada em 2015 pela Defensoria Pública de SP e o Movimento Mães de Maio junto à CIDH da OEA. Disponível em: <<https://www.conectas.org/noticias/crimes-de-maio-cidh-acolhe-mais-uma-denuncia-contra-estado-brasileiro/>>.

¹⁹BOPE: Batalhão de Operações Especiais, tropa de elite da polícia militar presente em vários estados brasileiros.

mundo. E lá também falamos que todos deveriam abraçar esse massacre [Crimes de Maio] que estava sendo jogado debaixo do tapete.

Na época falamos: "não podemos aceitar"; estávamos em um governo de esquerda e havia um silêncio sepulcral sobre os crimes que aconteceram no estado de São Paulo em 2006.

Retornamos ao Brasil e fomos desafiadas novamente, um convite para ir para Nova York. E, quando cheguei em NY, me vi como condutora de um seminário com pesquisadores do México que faziam tratativas sobre os 43 estudantes de Ayotzinapa. E perguntamos, já que eu estava lá como mãe: por que aqueles pesquisadores não tinham levado uma mãe para ser protagonista da sua própria história?

Mas fomos além, provocando. Ali encontramos uma pessoa que se ofereceu para ser minha tradutora; parecia uma menininha, mas era professora de Chicago, estudiosa da violência policial no Brasil e na América Latina, a Yanilda Gonzalez²⁰. Esse encontro foi determinante para começar a mobilização de uma rede global de mães e familiares. Ela voltou para Chicago e negociou junto à academia a realização de uma tratativa com as mães para levá-las para lá. E nós fomos. E a professora e amiga Yanilda Gonzalez levou também as Mães de Boyacá, vítimas das FARC, e algumas militantes da Casa Cultural El Chontaduro²¹. Esse encontro foi muito impressionante para nós, porque fomos como brasileiras, tanto eu quanto a Railda Alves da Associação AMPARAR (Associação de Amigos/as e Familiares de Presos/as²²), e colocamos a universidade de Chicago na parede, falamos que precisávamos de ajuda; e o que aconteceu na sequência foi assim um efeito dominó: a atitude daquela professora gerou o apoio da universidade para montarmos a rede global de mães e familiares²³.

Aquele evento não teria sentido se não fosse eu que montasse, porque queríamos que os estudantes pensassem nos nomes sobre os quais estavam pisando na entrada da universidade:

²⁰Sobre Yanilda María González. Disponível em: <<https://humanrights.uchicago.edu/people/yanilda-maria-gonzalez/>>.

²¹Casa Cultural El Chontaduro, Colômbia. Disponível em: <<https://casaculturalelchontaduro.com/>>.

²²AMPARAR (Associação de Amigos/as e Familiares de Presos/as), Brasil. Disponível em: <<https://www.fundobrasil.org.br/projeto/amparar-associacao-de-amigosas-e-familiares-de-presos-as/>>.

²³Disponível em: <<https://crownschool.uchicago.edu/grief-resistance/>>.

os nomes dos nossos mortos, e também dos mortos da Colômbia e de Chicago. Foi muito bacana porque também fiz com que cada um doasse um par de sapatos para simbolizar nossos mortos. E naquela exposição, na minha fala - eu tinha levado as fotos dos nossos filhos com um pirulito - pedi para que segurassem um pouco os mortos para poder aliviar a dor que estava dentro do nosso ventre.

E assim que foi construída, com o apoio daquela universidade, a Rede Global de Mães e Familiares, foi assim que começamos a engatinhar²⁴. Em Chicago, Yanilda organizou o encontro com uma comunidade mexicana de mães que também perderam seus filhos; elas não falavam inglês, só espanhol, e legitimavam sua identidade, eram envolvidas com a igreja católica, e foi muito bonito para nós.

Voltamos para o Brasil e depois fomos para a Colômbia, para o segundo encontro dessa rede que estávamos costurando. E lá conhecemos Francia Márquez, Vicenta Moreno²⁵, Andrea Moreno e várias outras que faziam parte do Centro Cultural El Chontaduro e ali desenhamos como a gente ia enfrentar Iván Duque. Fomos para uma repartição depois de ter feito duas aulas de formação no Icesi, onde tem o estudo *Diásporas*, e de lá fomos para a confraternização. A mídia me entrevistou e falei que a Colômbia jamais poderia estar pregando a paz sem justiça social: quando a gente vai no Centro Cultural El Chontaduro e nós nos deparamos com as fronteiras invisíveis, onde tem aqueles paramilitares que ajudam a matar aqueles meninos e nos deparamos com um enterro, foi muito doloroso para nós. A paz jamais é construída sem justiça social. Deixamos o nosso recado.

Voltamos para o Brasil e encontramos grupos com os quais a gente também se identifica, grupos do teatro e da cultura que fazem *performances* para mostrar como o Estado é violento e terrorista, como é entrelaçado a polícia e a justiça; e também a academia que reproduz essa violência perante nossos corpos desde o momento em que a gente cede a nossa história e muitas vezes essa história é modificada para agradar à banca. Então se há um repúdio por parte

²⁴CRUZ, Maria Teresa. “Mães de Maio denunciam terrorismo de Estado no Brasil em evento na Colômbia”. Ponte Jornalismo, 11/09/2018. Disponível em: <<https://ponte.org/maes-de-maio-denunciam-terrorismo-de-estado-no-brasil-em-evento-na-colombia/>>.

²⁵Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/recs/n12/n12a13.pdf>>.

da crítica da academia, a gente está aqui para ser esse exemplo e assumimos a provocação à academia.

Quando voltamos ao Brasil, surgiu o convite para participamos do MIT (Movimento Internacional Teatral), e encontramos com 10 países da América Latina, um banquete pra mim, como Movimento Mães de Maio, porque queríamos abrir os laços perante a América Latina para dizer que a nossa luta é transnacional.

E me encontrei com Cristina, uma das Mães de Ayotzinapa²⁶, e também com o Oscar, que procura a sua filha que era estudante de medicina (e tem até uma associação chamada Vida, na Colômbia). Através da Yanilda Gonzalez também encontramos as mães de Bogotá, dos “falsos positivos”. Não é diferente de nós, jamais, nada do que acontece na América Latina é tipo um *copia e cola* que não dá para dizer que a gente tem um país mais violento que o outro, mas sim um projeto. Esse projeto foi determinante no nosso país para o desenvolvimento do genocídio da população negra, está dentro desse contexto do desenvolvimento, a gente viu que não é diferente com a desculpa da guerra às drogas. A guerra às drogas está em toda a América Latina, então a gente vê que é uma falácia: a guerra às drogas tem cor, tem classe e tem sexo.

Quando essas mães de Ayotzinapa [México] vieram ao Brasil à convite do movimento DAR (Coletivo DAR – Desentorpecendo a Razão²⁷), movimento que organiza a Marcha da Maconha em São Paulo²⁸ e que abrange o país inteiro na luta pela descriminalização da maconha, a gente se deparou com essas mães e acolheu essas mães, as duas Hildas - porque eram duas mães chamadas Hilda-, e também um sobrevivente daquele ônibus e um pai. Em São

²⁶Fanpage Facebook Padres e Madres de Ayotzinapa, México. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Padres-Y-Madres-De-Ayotzinapa-489352334561638/>>.

²⁷Portal Jusbrasil: “Supremo Tribunal Federal libera a Marcha da Maconha”, 2010. Disponível em: <<https://stf.jusbrasil.com.br/noticias/2737214/stf-libera-marcha-da-maconha>>; <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt14/9577-movimentos-sociais-e-a-contestacao-publica-sobre-os-usos-da-maconha-no-brasil/file>>.

²⁸Cf.: SANTOS, Marcelo Burgos; SEGURADO, Rosemary; MALINA, Pedro. “Movimentos sociais e a contestação política sobre os usos da maconha no Brasil”. Anais 34º. Encontro Anual da ANPOCS, 2015.

Paulo fizemos um ato na Praça da Sé²⁹, acendemos velas e caminhamos, fizemos um cortejo para nos solidarizarmos com essas famílias, porque a dor delas também era nossa, porque sou irmã de desaparecido forçado, no tempo de 1980, no tempo da ditadura e do esquadrão da morte, mas, como era pobre, ele não está no numeral, jamais proclamado pelas vítimas da ditadura. E fomos para o Rio de Janeiro; eles queriam ir à favela da Maré, então fomos e, chegando lá, encontramos a favela da Maré sitiada. Almoçamos na calçada embaixo do fuzil do exército, fomos mostrar para eles as barricadas que aconteciam nas favelas. Mas também os levamos para casa de um rapaz que teve seu carro interditado e metralhado pelo exército, e ele ficou tetraplégico, o Vitor Santiago³⁰. E trouxemos aquela mãe para luta, ela está aí, um exemplo da luta, trouxemos a mãe do Vitor para luta, e o Estado não reparou aquilo que aconteceu com o Vitor.

A intervenção militar nas favelas veio também num governo de esquerda³¹. Não somos mães que se metem em sigla partidária, a gente fica de fora para bater, porque temos um ideal e não aceitamos as siglas partidárias, jamais. Nós temos que ficar de fora para levar as nossas demandas para quem quer que esteja no poder. Não podemos nos misturar com siglas partidárias, decidir nada com eles, porque a gente fica corrompida, devendo favores, e não podemos fazer isso. Não temos bandeira partidária, a nossa bandeira é a bandeira do Brasil, somos brasileiras. Mas a bandeira do Brasil que eles entregaram para nós é negra, ela tem cruces, não tem estrelas e tem duas faixas escritas "Memória e Verdade, Justiça e Liberdade". Porque não estamos deitados em "berço esplêndido" como diz o Hino Nacional, jamais. Porque não tem ninguém que esteja dormindo em berço esplêndido na favela e na periferia porque o Estado não deixa a gente dormir. Então estamos vigilantes o tempo inteiro, porque o Estado não dorme, então por que nós vamos dormir?

²⁹FRANCO, Marina. "Parentes de alunos desaparecidos no México divulgam o caso no Brasil". Portal G1, 02/06/2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/parentes-de-alunos-desaparecidos-no-mexico-divulgam-o-caso-no-brasil.html>>

³⁰SANSÃO, Luiza. "Militares deixam jovem paraplégico e não investigam crime". Portal Ponte, 15/02/2016. Disponível em: <<https://ponte.org/militares-upp-impunidade/>>.

³¹CF. dissertação de mestrado de Marielle Franco, a vereadora carioca assassinada: FRANCO, Marielle. *UPP: a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Então, quando o Movimento Mães de Maio se levanta contra o Estado, faz um levante, porque não somos as primeiras mães a ocupar esse solo para lutar contra o Estado; temos grupos de mães, as Mães de Acari³², um grupo de mães de filhos desaparecidos. Mas o levante que foi travado neste país foi o levante Mães de Maio. E hoje em dia temos vários núcleos de mães: tem o núcleo Mães de Maio do Nordeste³³, núcleo Mães de Maio do Cerrado³⁴, núcleo de Belo Horizonte (Minas Gerais), e vários núcleos de outras mães que não quiseram colocar o nome Mães de Maio - e elas têm direito de defender seus territórios -, outras pedem para colocar o nome Mães de Maio como uma forma de proteção.

Mas não ficamos só no extermínio; somos do encarceramento em massa e do movimento de ocupação [movimentos por moradia]; ocupamos as escolas, somos pela educação de qualidade porque no nosso país a educação está jogada no ralo, cada vez mais retirando direito de nos apropriarmos da educação, da população marginalizada ocupar a academia. Estão até querendo retirar as cotas [raciais]³⁵; aceitamos as cotas, mas a gente não queria as cotas, a gente queria a igualdade, mas como não vem essa igualdade, a gente se conformou com as cotas e fomos para cima da academia pedir as cotas. Mas o principal é o fim do genocídio no nosso país. Porque está na Carta Magna o direito à vida, que é retirado de todas as maneiras, tanto na saúde, na educação, na moradia digna.

Porque na condenação do Estado pela morte do meu filho, o Estado foi condenado na parte civil. E o juiz colocou como se eu tivesse ganhado na loteria, mas o cifrão não interessava para nós naquela reparação. Ele colocou que o Estado foi omissor. E é omissor na saúde, na educação, moradia digna e foi omissor na segurança de Edson Rogério Silva dos Santos. E,

³²Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/acervo/geral/audio/2020-07/tres-decadas-apos-chacina-maes-de-acari-inspiram-movimentos-contra-o-racismo-e/>>.

³³RIBEIRO, Dindara. “Mães de Maio cobram justiça para seus filhos em Salvador”. Portal Terra/Nós, 18/05/2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/nos/maes-de-maio-cobram-justica-para-seus-filhos-em-salvador,5dceafb73651dac78ca820e7834910221961z9.html>>.

³⁴Fanpage Facebook Mães de Maio do Cerrado Luto à Luta. Disponível em: <https://mobile.facebook.com/M%C3%A3es-de-Maio-do-Cerrado-do-Luto-a-Luta-395992444569787/?_rdc=1&_rdr>.

³⁵Sobre a política de cotas raciais no sistema educacional no Brasil. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dez-anos-da-lei-de-cotas-522-anos-de-lutas/>>.

pasmem: a indenização que eles dão pela vida do meu filho que me foi tirado é terço de um salário-mínimo, R\$ 375,00 [cerca de 80 dólares em março de 2022]. E a gente vê que as indenizações dadas pelo Estado para as pessoas negras são diferentes das indenizações de pessoas brancas. Nós somos diminuídas o tempo inteiro, como mulher preta, como população preta e também pobre e periférica; nós não temos voz para eles, somos criminalizadas.

E por fim, depois de muitos anos de luta e dos arquivamentos de todos os inquéritos [dos Crimes de Maio], denunciemos para OEA (Organização dos Estados Americanos)³⁶ - e também a OEA dorme mais que a justiça brasileira -, mas nós estamos provocando a OEA porque esses crimes não podem continuar, porque a gente vê que o movimento das mães é o movimento mais organizado que tem nesse país no momento. E é um movimento que só cresce e pra nós não é certo ele crescer porque precisamos que sejamos as últimas.

E jamais podemos aceitar que os inquéritos sejam arquivados tão prematuros, como foi no caso da grávida de maio de 2006, dos Crimes de Maio: uma grávida de 9 meses que foi executada, com o marido e o bebê, e o inquérito dela foi arquivado sem virar processo e com apenas 6 meses³⁷, um crime contra a vida.

Então foi muito orquestrado o que aconteceu no estado de São Paulo [Crimes de Maio, 2006]. A princípio, quando a gente era leiga, a gente pensava que tinha sido no Brasil, mas vimos que foi nessa metrópole [São Paulo]; em cada região tem vários meninos executados, e foi parecendo pior que uma guerra, estivemos em uma guerra não declarada. E estamos em uma guerra não declarada pelas instituições policiais e judiciárias; porque o judiciário do nosso país ~~para nós~~, é o que mais mata com os arquivamentos sem investigação e sem exigir que a nossa polícia judiciária seja amplamente aparelhada para dar resultado para a população.

Acabei de chegar de San Diego (EUA) e formos lá provocar aquela academia também para poder fazer a Universidade das Mães, fazer debate e transformação e também dizer que as

³⁶Portal CONJUR, “15 anos depois dos "crimes de maio", CIDH acolhe denúncia contra o Estado brasileiro”. 06/08/2021. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2021-ago-06/cidh-investigar-brasil-causa-crimes-maio>>.

³⁷CAMARGO, Cristina. “Minha filha e minha neta viraram números”, diz mãe de maio . Portal Fundo Brasil. 09/05/2016. Disponível em: <<https://www.fundobrasil.org.br/minha-filha-e-minha-neta-viraram-numeros-diz-mae-de-maio/>>.

mães querem que seus filhos se formem, querem bolsas para seus filhos se formarem também fora do Brasil e as mães precisam também de bolsa para aprender idiomas.

Patricia Botero: *Impresionante todo lo que nos compartes Debora, y sobre todo, lo que revelas frente a esas dictaduras encubiertas y que aparecen como terrorismo de Estado global, la manera de estigmatización se constituye en una forma justificatoria de seguir asesinando jóvenes. Por el discurso de lo legal y lo ilegal siguen disfrazando una cantidad de gestos sutiles de indiferencia y cuando se habla de reparación, otra vez se re-victimiza a las madres y jóvenes como víctimas.*

Y no son cualquier víctima, son víctimas del terrorismo de Estado como ustedes lo están denunciando, como una universidad de las madres que están caminando, estas luchas en red son reveladoras, pues abren al mundo luchas para encarnar también en las academias, en las universidades en movimiento y, sobretodo, en un tejido global de madres en lucha, de estas madres que han puesto el rostro a la guerra. En Tacueyó Cauca, el 26 de marzo se cumplieron 11 de años de impunidad del asesinato de lxs hijxs de marzo, jóvenes que fueron asesinados por el Estado, su premisa sostiene, no son niños, son guerrilleros, bombardéenlos y así, los bombardearon en el territorio del Cauca en la Vereda de Gargantillas. Con las madres hicimos un documental, Tacueyó en resistencia por la vida. Las madres, jóvenes y niñas en las instituciones educativas le dieron rostro a la guerra.

Hay varios elementos que narras que coinciden con las luchas de las madres en Colombia, las mujeres en las marchas fueron quienes pusieron el cuerpo para defender a sus hijxs en las movilizaciones. Ellas fueron quienes hicieron las ollas comunitarias, estaban ahí haciendo ese fogonzito que cuida, ese lugarcito que forma y que atraviesa las políticas del cuidado.

Otro elemento que coincide con mucha fuerza, implica que podamos seguir animando estas universidades de las madres, juntando voces a nivel global para reparar la impunidad, porque no creemos tanto que desde arriba se repare la impunidad, hemos sido testigos y partícipes de las sanaciones y formas de reparación propias en el compartir experiencias, aprender juntxs estas formas de defender la vida, de denunciar, de hacer tribunales virtuales

de manera autonómica, de mantener viva la red de las universidades de las madres en lucha, especialmente, frente a ese terrorismo de Estado.

Caroline Matias: Debora, queria que você falasse um pouco sobre o estigma das mães. Tenho visto muitos avanços na luta das mães, vocês têm conseguido romper algumas barreiras, mas ainda persistem alguns estigmas, como, por exemplo, a ideia de que as mães desses movimentos são “mães de bandidos”, que os seus filhos morreram porque eram bandidos. Você poderia falar um pouco sobre esses estigmas?

Débora Maria da Silva: Olha, Carol, parabéns pela pergunta, eu ia tocar nesse assunto. No dia 01 de abril vamos fazer um escracho na frente do Ministério Público, porque o próprio Ministério Público falou que somos mães de bandidos e donas de *biqueiras* herdadas dos nossos filhos³⁸. E é assustador, porque nos EUA vemos que na Califórnia é tudo legalizado, a *lojinha*, a fila, como se fosse fila de médico, fiquei perplexa com o que vi ali. Mas voltando à sua pergunta; somos rotuladas, sim; o próprio governador falou que foram ataques do PCC³⁹ (para tirar a culpabilidade dos seus agentes e do mandante, porque houve um mandante).

É dolorido ter que provar que seu filho era trabalhador empobrecido, pois todos os que morreram eram trabalhadores empobrecidos, de carteira [de trabalho] assinada, foram *laranjas*; era ano eleitoral e queriam mostrar para o resto do país que o governo do estado de São Paulo tinha controle sobre o crime organizado. Mas o crime organizado foi organizado de dentro do sistema prisional, na base da corrupção. Os agentes do Estado tiveram o direito de fazer escuta telefônica dos encarcerados e usaram isso para acharar, como mostra a pesquisa de Harvard “São Paulo sob ataque”⁴⁰; uma das pessoas da equipe era a procuradora Raquel Dodge, nós a conhecemos no decorrer da pesquisa e quando vieram ao Brasil nos entregar o relatório.

³⁸STABILE, Arthur. “Na luta pela memória dos filhos, Mães de Maio são ligadas ao crime pelo próprio Estado que os matou”. El País Brasil, 07/05/2021. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/na-luta-pela-memoria-dos-filhos-maes-de-maio-sao-ligadas-ao-crime-pelo-proprio-estado-que-os-matou.html>>.

³⁹PCC, Primeiro Comando da Capital, organização criminosa brasileira ligada ao narcotráfico.

⁴⁰Disponível em: < <http://hrp.law.harvard.edu/wp-content/uploads/2011/05/full-with-cover.pdf>>.

O que chamou muito a atenção foi que mesmo com o rótulo de *Ataques do PCC* que o governo deu para esses ataques, nós democratizamos a mídia. Nós, como mães, falamos: não aceitamos esse rótulo, não aceitamos esse título: é *Crimes de Maio*. Fomos buscando, nós mesmas, desconstruir o rótulo *Ataques do PCC*⁴¹.

É difícil porque o próprio Ministério Público nos criminaliza. Uma promotora falou que éramos donas de *biqueiras* herdadas dos nossos filhos, tem um vídeo dessa promotora falando que as mães eram donas de *biqueiras* e andavam com as Mães de Osasco⁴²; e esse vídeo foi usado no julgamento dos acusados da chacina de Osasco⁴³. E por isso que a população faz, também, essa ligação [entre os movimentos de mães e o crime organizado].

É difícil porque temos academias com mais de 200 trabalhos de conclusão de graduação, mais de 200 mestrados e doutorados, inclusive vários em Havard, e metemos o pé na porta da academia porque a academia não nos recebeu com flores, mesmo depois de tantos trabalhos que fizemos, somos formadores de profissionais: jornalistas, assistentes sociais, advogados, psicólogos... A gente tem tentado, também, democratizar a psicologia porque não encontramos apoio psicológico ou uma psicologia para nós [mães]. Porque não tem doutor que cure a dor de uma mãe.

Então fomos, provocamos, e quando descobrimos que haveria uma pesquisa sobre os Crimes de Maio falamos que contar a história dos nossos filhos não poderia ser no *copia e cola* de jornal e artigo nenhum, que nós queríamos ser pesquisadoras. E foi assim que consegui, depois dessa pesquisa, o registro de pesquisadora dentro da medicina forense, sou do CAAF da UNIFESP⁴⁴.

⁴¹Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/05/15-anos-dos-crimes-de-maio.shtml>>.

⁴²Disponível em: <<https://ponte.org/advogado-usou-video-que-calunia-maes-de-maio-para-defender-acusados-de-chacina/>>.

⁴³Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-08/relembre-o-caso-da-chacina-de-osasco-e-barueri>>.

⁴⁴Centro de Antropologia e Arqueologia Forense, Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <<https://www.unifesp.br/reitoria/caaf/>>.

Então nós procuramos agregar as mães para poderem bater de frente. Mas vimos muitas mães morrerem com esse “rótulo” de “mãe de bandido”; morreram de depressão, câncer nos órgãos reprodutores, são histórias não contadas.

Sofremos muita retaliação, mas vem de quem deveria nos defender. Depois dessa pesquisa de Harvard, “São Paulo sob ataque”, sobre os Crimes de Maio em 2011⁴⁵, nós nos deparamos com uma ou duas páginas com 71 carimbos do fórum e do Ministério Público, da capital paulista, parabenizando a eficiência da polícia em reestabelecer a ordem [em 2006].

Ao longo desses 16 anos, perguntamos, em qualquer lugar em que estamos: quem é o crime organizado? Fazemos essa pergunta às autoridades e doa a quem doer. Porque vimos um batalhão, cerca de 50 PMs, sendo presos por estarem associados ao PCC. Então a gente procura dizer que não há crime organizado, não há Estado paralelo: o Estado paralelo é o Estado e o crime organizado é o Estado; o Estado é o tráfico e o tráfico é o Estado, porque não existe traficante dentro das favelas e nem das periferias, o que existe é varejista. Se o Estado não fosse o tráfico, ele o combateria.

Por isso que a gente vai para dentro da academia para dizer: a teoria não vai mais se alimentar da nossa dor, ela tem que caminhar lado a lado com a prática. Então ocupamos a academia, a gente sempre falava: “de dentro para fora, de fora para dentro e para além da academia”. Derrubamos o muro e trouxemos mais três mães para serem pesquisadoras forenses, é muito gratificante. A produção do conhecimento somos nós, não? Então ocupamos a academia para fazer essa pesquisa dos Crimes de Maio, queríamos ir a fundo, conhecer direito a história e todas as vítimas. E também tinha esse projeto junto com a Universidade de Oxford, na Inglaterra⁴⁶; estivemos lá apresentando a pesquisa e nos deparamos com a raiz do problema: quando chegamos perto de elucidar a pesquisa do crime organizado, ou então aproximar um pouco da realidade que estávamos procurando, vimos as instituições todas interligadas com ele [o crime organizado].

⁴⁵Pesquisa “São Paulo sob ataque”. Disponível em: <<http://www.global.org.br/wp-content/uploads/2016/03/S--o-Paulo-sob-Achaque.pdf>>.

⁴⁶Disponível em: <<https://www.unifesp.br/reitoria/dci/boletins-antiores-dci/item/2096-parceria-entre-unifesp-e-universidade-de-oxford-investigara-execucoes-de-maio-de-2006>>.

Em dezembro fizemos o lançamento do Memorial pela Prefeitura de Santos; pleiteamos o memorial e ele saiu, lindíssimo. Mas nossos filhos merecem muito mais que esse memorial, porque é memória⁴⁷. O memorial incomodou; foram lá e picharam o memorial, mas nós o restauramos. A história dos Crimes de Maio tem que ser contada.

Andrea Bonvillani: *Agradecer mucho a Débora, su compromiso, su calidez y su claridad para transmitir su experiencia porque es fundamental. Me quedé pensando en la frase de ella “no hay ningún doctor que pueda curar nuestro dolor”, eso me ha pegado en el corazón y me quedo pensando en muchas cosas que dijo Débora. ¡Gracias!*

Liliana Galindo: *Me quiero sumar al agradecimiento a Débora por compartirnos su voz, su experiencia, su conocimiento tan enriquecedor en muchas direcciones. Es enriquecedor en términos de cómo pensar procesos colectivos, asociativos, reivindicativos, de lucha. Contribuye también específicamente en relación con las redes de madres, de víctimas de crímenes de Estado, y aporta muy significativamente tu trabajo, lo que has hecho, las reflexiones que nos compartes en relación con la academia y la investigación. Me queda resonando fuertemente esa reflexión. Desde tiempo atrás hemos tenido interés en impulsar esas transformaciones que permitan construir unas maneras diferentes de producir conocimiento, de relacionarse con las comunidades, de propiciar ese diálogo entre distintos actores y saberes. No es tan evidente ni sencillo, no siempre se hace, hay dificultades para lograrlo. Como docente universitaria en metodología de la investigación me siento muy interpelada sobre por ejemplo cómo dar a conocer y mostrar una ruta más clara para deconstruir las maneras convencionales de hacer investigación, cómo abrir la mirada al reconocimiento de distintas voces. Me llama poderosamente la atención ese rol y esa labor tuya que has desarrollado como investigadora. Tú dijiste: “La academia no se va a seguir alimentando de nuestro dolor”, una afirmación muy potente que nos hace pensar en muchas direcciones desde la sociología, la psicología, la*

⁴⁷ Memorial, município de Santos, litoral de SP. Disponível em: <<https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/monumento-em-homenagem-as-maes-de-maio-e-inaugurado-na-zona-noroeste-de-santos>>.

investigación, los procesos comunitarios. Cómo hacemos para llenar de sentido el ejercicio que muchas veces en el marco del quehacer de las academias, de la realización de tesis de pregrado y posgrado terminan almacenándose en repositorios que no se consultan y que no contribuyeron en nada a mejorar las condiciones de vida de las personas.

Pensar en estas realidades tan diversas de América Latina es muy interesante. Colombia, a diferencia de por ejemplo Argentina, Brasil y Chile, país del que se predica no haber experimentado una dictadura propiamente dicha y es, entrecomillas, en “democracia” que se han cometido los peores crímenes y se han producido cifras más altas (como lo son por ejemplo las cifras de personas desaparecidas que son absurdamente elevadas) que las que se registraron en aquellos otros países en medio de las dictaduras del cono sur. Así que en democracia puede cometerse todo tipo de crímenes. Ello lleva a pensar en cómo hacerle frente a la ocurrencia de tantas prácticas de injusticia en los distintos contextos latinoamericanos.

Infinitas gracias. Mucho ánimo, Débora en tus luchas, en tu labor como investigadora que motiva, que estimula, que es inspiración, dan ganas de conocer más tu experiencia y de seguir la línea que tú estás desarrollando.

Muchas gracias también a mis compañeras por haber posibilitado este espacio.

Patricia Botero: *Agradecerte nuevamente Débora, por el trabajo que vienen realizando, sus prácticas y luchas son parte del movimiento de las teorías para lograr desindividualizar el sufrimiento. La muerte de jóvenes, no es un asunto personal, que le toco a tal madre, es un fenómeno social que tiene que ser motor de acción comunal. Vamos a seguir profundizando los tejidos intergeneracionales con las madres, con lxs abuelxs, con lxs jóvenxs, con lxs niñxs, con lxs ausentes y sus otras presencias entre pueblos y entre mundos en el cuidado de la vida y en profunda transformación de la justicia injusta; en sus ámbitos cultural, comunitario y socioterritorial.*

Débora Maria da Silva: *Sabe o que ficou desse encontro? Um gostinho de “quero mais”.*

Rita Alves: ... pois tomara que esse seja apenas o primeiro de muitos encontros. Precisamos organizar outros encontros, e com as mães, com as mães colombianas, com a Zilda de Osasco...

Débora Maria da Silva: ... com mães e com mulheres, mulheres comprometidas como vocês. Porque aqui é a força da mulher. Quando a mulher é vitimada, ela vem como uma leoa. E as mulheres têm que tomar para si essa pauta do genocídio e do desaparecimento, porque sozinhas não vamos a lugar nenhum.